



MUITO ALÉM DO FAZ DE CONTA

A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança.

***“Há significado mais profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina”
Johann Schiller, poeta alemão do século XVIII***

Era uma vez um tempo em que as crianças quase não ouviam mais histórias. Seus pais viviam preocupados com seus próprios fantasmas e não tinham tempo de falar de bruxas, fadas, monstros e príncipes com os filhos. As crianças sabiam que eles existiam, mas tinham medo de percorrer sozinhas os caminhos do faz de conta.

Para seguir com elas nessa aventura, o pai e a mãe eram companheiros fundamentais. Só eles podiam guiar as crianças floresta adentro, mostrando-lhes todas as armas necessárias para vencer o Mal. Mas os pais estavam adormecidos... Tristes, as crianças imaginavam o dia em que seriam libertadas pelo poder da fantasia. Então todos seriam felizes para sempre.

Esta poderia ser só mais uma história de faz de conta, mas não é. Infelizmente, é nesse tempo e lugar ‘fictícios’ que vivem hoje muitas crianças. Todas aquelas cujos pais esqueceram que a magia é fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Mesmo num mundo onde a infância é povoada por robôs, computadores, videogames e brinquedos de tecnologia sofisticada, ainda são as fadas, bruxas e princesas que dão equilíbrio emocional às crianças. Não qualquer fada ou bruxa, mas aquelas de antigos contos, que passaram de geração para geração e eternizaram nomes como os de Perrault, autor de Branca de Neve, os irmãos Grimm, que escreveram a versão mais conhecida de Chapeuzinho Vermelho, ou Hans Christian Andersen, que criou o Patinho feio.

Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Cinderela, o Lobo Mau e todos os seus companheiros continuam sendo os antídotos mais eficientes contra as angústias e temores infantis, segundo os especialistas.

Quando apresentados às crianças pelos pais, esses personagens podem ajudá-las a se tornar mais sensíveis, esperançosas, otimistas e confiantes na vida. Os estudiosos garantem que a fantasia é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança.

Contar histórias aproxima pais e filhos, de uma maneira lúdica. Mas por que esses contos tão antigos têm um valor especial? Em primeiro lugar, por suas qualidades literárias. “Eles não teriam esse impacto psicológico se não fossem obras de arte”, diz o psicanalista americano Bruno Bettelheim em seu livro *Psicanálise dos Contos de Fada*. Depois, porque seus enredos falam de sentimentos comuns a todos nós, como ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição e frustração, que só podem ser compreendidos e trabalhados pela criança através das emoções e da fantasia. Os contos de fadas funcionam como instrumentos para a descoberta desses sentimentos dentro dela.

“A estrutura natural do pensamento da criança tem bem separados os conceitos de Bem e Mal. E esse conceito é reforçado pelas fábulas infantis. Ela não admite que uma pessoa seja boa e má ao mesmo tempo”, lembra a psicóloga Heloisa Marton.

A polarização entre a bondade e a maldade é expressa pelas fadas e bruxas, pela mãe boazinha que morreu e pela madrasta. Esse contraste com a realidade é que ajuda a criança a lidar com as suas emoções.

O CAMINHO É DURO ATÉ O FINAL FELIZ

Nessas histórias a criança se identifica mais facilmente com os problemas dos personagens. Ao mergulhar com prazer no faz de conta, ela dá vazão às próprias emoções. Os contos mantêm ainda uma indefinição deliberada de tempo e espaço – ‘aconteceu num reino distante...’, ‘era uma época que nós não conhecemos...’. também quase nunca usam nomes próprios: os personagens aparecem como o rei, a rainha, a menina, a princesa ou por apelidos: Chapeuzinho Vermelho, Gata Borralheira, Gato de Botas, entre outros.

Todos começam de maneira simples e partem de um problema ligado à realidade – como a carência afetiva de Cinderela, a pobreza de João e Maria ou o conflito entre filha e madrasta em Branca de Neve. Na busca de soluções para esses conflitos, surgem as figuras ‘mágicas’: fadas, anões, bruxas malvadas. E a narrativa se fecha com uma volta à realidade – os heróis se casam ou retornam ao lar.

‘Os contos apontam sempre para um desfecho feliz, mas sugerem que, para alcançá-lo, são necessárias transformações interiores’, analisa o psicanalista Bruno Bettelheim. João e Maria, por exemplo, têm de usar de astúcia para vencer a bruxa, Branca de Neve embrenha-se pela floresta (símbolo do inconsciente) até encontrar aconchego na casa dos anões e a Bela Adormecida tem que esperar cem anos para ser feliz.

O que salva o herói é seu grau de amadurecimento, e este é alcançado sempre fora da casa paterna. A mensagem oculta é a de que precisamos de nossos pais mas, para crescer, temos de nos libertar da dependência deles. Bettelheim destaca ainda outros ‘ensinamentos’ proporcionados por essas histórias: as dificuldades existem mas podem ser vencidas; não se pode esperar sucesso numa primeira tentativa; precisamos estar preparados para as frustrações se quisermos ter recompensas futuras e duradouras; temos que suportar a dor e enfrentar riscos; não podemos fazer tudo sem a ajuda de outros. O consolo vem no final: apesar dos obstáculos, o Bem sempre vence.

Izabel Kan, psicanalista e professora de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, ensina que, através dessas histórias, a criança ensaia papéis. Ela aprende que, para solucionar seus problemas, o herói tem de suportar a renúncia e ser paciente, até descobrir, finalmente, o caminho do amadurecimento. Nesse sentido os contos de fadas são altamente benéficos para as crianças e em nenhum momento elas confundem fantasia com realidade, como imaginam muitos pais.

As psicólogas Izabel e Heloisa acreditam que a principal dificuldade está nos pais. ‘É difícil para eles perceber a intensidade das emoções infantis, que são de amor ou ódio’, explica Izabel. ‘Às vezes o pai ou a mãe não consegue compreender por que o filho se identifica, de vez em quando, como o lobo mau ou a bruxa’, reforça Heloisa. Nesta questão, Bruno Bettelheim é implacável: ‘Os pais se perturbam quando percebem que seus filhos não sentem apenas amor por eles, mas também ódio’.

A MENSAGEM É SEMPRE DE OTIMISMO E ESPERANÇA

Tatiana Belinky, escritora, pesquisadora e renomada tradutora dos contos de Grimm e Perrault no Brasil, lembra que, quando criança, identificava-se mais com as bruxas e as madrastas. ‘Meu marido, que além de escritor era psicanalista, costumava dizer que os contos de fadas são uma espécie de treino da musculatura emocional’, diz Tatiana. Ela fica indignada com certos pais que acham essas histórias violentas e temem que causem traumas nos filhos. ‘Trauma é apanhar ou assistir às brigas entre pai e mãe’, rebate a escritora.

Os contos de fadas são usados também fora do ambiente familiar, como recurso pedagógico ou terapêutico. As psicopedagogas Sarah Cunha Lima, Maria Antônia Magalhães e Célia Godoy, em São Paulo, utilizam frequentemente as fábulas infantis em seu trabalho. ‘A função de se contar essas histórias numa escola é mostrar à criança a estrutura narrativa, a unicidade dessas histórias. O encantamento, o lado mágico, facilita a compreensão’, explicam.

A psicanalista Izabel Kan conta a experiência dos contos de fadas com crianças de cheques e unidades da Febem. ‘Nessas instituições as crianças muitas vezes estão alienadas de sua própria história e dos desacertos do País que as levaram à miséria. Elas geralmente pensam que foram abandonadas porque são más. Através de um conto, como o de João e Maria, por exemplo, elas se identificam, falam sobre suas vidas e expressam suas angústias’, conta Izabel.

Escritora e membro da Associação dos Profissionais de Literatura Infanto-juvenil, Liliana Iacocca diz que contar histórias é um hábito que deve ser praticado principalmente pela família. 'Os pais precisam retomar sua tarefa de educadores, seu compromisso com o desenvolvimento da criança. É preciso ensinar aos filhos como ler o mundo, as pessoas, a vida', opina. 'Podemos criar uma geração verdadeira, mais sensível. Mas se deixarmos as crianças apenas por conta dos meios de comunicação e das escolas, provavelmente estaremos criando mais uma geração insegura e perdida', conclui Liliana.

APRENDA A CONTAR HISTÓRIAS COM EMOÇÃO

O papel de contador de histórias é sempre fascinante, especialmente quando são os pais que proporcionam aos filhos esses momentos de sonho e fantasia. E existem alguns ensinamentos que podem tornar a experiência ainda melhor. O importante é que se tenha certeza do valor da fantasia. Como diz Bruno Bettelheim: 'Um adulto que pensa que esses contos são um monte de mentiras não deve contá-los. Não será capaz de relatá-los de forma a enriquecer a vida da criança'. E você? Acredita no faz de conta?

- O mais importante no ato de contar histórias é a riqueza da relação que se estabelece, nesse momento, entre você e seu filho.
- Não faça a narrativa com intenções didáticas. A experiência tem que ser vivida a dois.
- Ofereça um repertório variado e deixe a criança escolher seus contos preferidos.
- Dê preferência a livros com as versões originais dos contos de fadas, ou mais fiéis a elas. Entre as editoras com mais cuidado nesse aspecto estão a Ática, as Edições Paulinas, a Kuarup e a Itatiaia.
- Pela escolha da criança é possível perceber que tipo de angústia a aflige naquele momento. Por exemplo, se ela insiste em João e Maria, pode estar com medo de abandono. A predileção por Cinderela pode indicar um sentimento de rejeição ou ciúmes dos irmãos.
- Mesmo se as reações da criança sugerirem quais são os seus medos e as suas angústias, jamais tente explicar para ela em termos psicológicos o que está acontecendo. Nunca diga, por exemplo: 'Sabe por que você está chorando, meu filho? Porque está com ciúmes de sua irmãzinha'.
- Um mesmo conto pode ser interpretado pela criança de diferentes maneiras de acordo com o momento.
- Por meio da repetição é que o conto ganha um significado especial para a criança: assim ela experimenta os diferentes papéis e emoções dentro de uma mesma história.
- Não é preciso simplificar o vocabulário. As crianças podem entender o sentido de uma palavra pelo contexto. Só explique o que ela pedir.
- O conto de fadas mexe também com você. Não finja que não está se emocionando. Pelo contrário, dramatize e coloque seus sentimentos para fora. A 'troca' fica mais rica.
- Não se assuste quando seu filho pede insistentemente determinada história, mas chora durante a narrativa. A criança está vivendo emoções intensas, que precisam ser experimentadas para que ela possa se libertar de seus medos.
- Dependendo da idade de seu filho, você pode pedir que ele reconte a história, verbalmente, por desenhos ou dramatização. Sua compreensão do tema pode ser bem diferente do que você imagina.
- Nunca ridicularize as reações de seu filho. Crianças, fadas e bruxas merecem respeito.